# Recensão

PEREIRA, N.B. *Sirácida ou Eclesiástico. A Sabedoria de Jesus, Filho de Sirac.* Col. Comentário Bíblico. Petrópolis, Editora Sinodal – Imprensa Metodista – Vozes, 1992, 259 p.

Celebramos com este mais um volume do *Comentário Bíblico* que se caracteriza por ser ecumênico e, ao mesmo tempo, produzido na América Latina. Ambos os aspectos merecem uma explicação mais ampla. A Coleção é ecumênica, não só porque nela colaboram Autores católicos e protestantes, mas também por ter como referência o Cristianismo em nosso continente que se caracterizou pela originalidade na sua busca de respostas aos desafios da fé mesmo dentro das próprias tradições eclesiais. De modo que o ecumênico, aqui, é mais do que diversidade de Igrejas e denominações e pode vir a ser um modo criativo de interpretar a Bíblia, que considera as próprias tradições e ênfases teológicas como elementos aos quais irão somar-se as experiências e palavras da mesma gente de hoje, o esforço para responder sem dogmatismos e sim com reflexão criativa às perguntas e exigências da nossa época. O produto é uma nova hermenêutica, mais ecumênica, mais dialogal, mais próxima das necessidades do povo. Isto nos leva ao segundo ponto: o espaço latino-americano.

O Comentário é latino-americano, não só por ser escrito neste continente, mas principalmente porque assume a realidade social, política e eclesial da América Latina como uma realidade, para cuja modificação espera contribuir através das comunidades que se alimentam da leitura da Bíblia mediada por ele. Não se contenta com o discurso superficial de supor que, pelo fato de ser feito aqui, vai responder naturalmente ao homem latino-americano. Tomando consciência dessa possível fraqueza, trabalha-se para colaborar em ordenar aquelas reflexões que já estão se dando nas comunidades de base, nos grupos de catequese, entre os agentes de pastoral ou entre aqueles que trabalham com mulheres procurando ampliar o espectro de nossa leitura para novas idéias que convidem a ler a Bíblia com olhos solidários e libertadores. A Coleção dá um lugar importante à análise sócio-política dos textos porque esta análise se revela central para discernir nos



problemas latino-americanos e a incorpora à bagagem geral das ferramentas da exegese e hermenêutica bíblicas.

Passemos agora ao volume que desejamos apresentar. O Autor o inicia com uma Introdução onde se expõem questões como a data e a autoria, o contexto social e doutrinal, a história da sua canonicidade, sua estrutura e conteúdo. Demora-se nesta peculiar forma de estar situado entre os dois Testamentos, destacando que nele se faz referência a todos os livros do Antigo Testamento, excetuando Daniel, Rute, Cântico dos Cânticos e Ester. O primeiro porque na época do Sirácida ainda não estava escrito, e os outros restantes talvez porque naquele momento ainda não se achava claro que pertencessem ao grupo dos livros que depois seriam canônicos. Quanto ao Novo Testamento, o Autor destaca que embora não encontremos em seus escritos citações diretas do Sirácida, a sua temática se acha presente em diversas partes como na Carta de Tiago, em certos textos paulinos e nos Evangelhos.

Talvez o ponto central da Introdução seja quando o Autor assinala o elemento do equilíbrio conceptual como característica do Sirácida. Diz: "... o Sirácida se caracteriza pelo equilíbrio de um pensamento ao mesmo tempo tradicionalista e inovador" (p. 25). É tradicionalista porque vincula a sabedoria à Lei; e é inovador porque não limita a sabedoria ao conhecimento que uns poucos iluminados detêm, mas o considera um saber compartilhado por todas as pessoas inclusive as não israelitas.

O comentário de Ney Brasil Pereira procura destacar a mensagem do livro. Gostaríamos de chamar a atenção para as três virtudes do seu trabalho e levantar algumas perguntas. Em primeiro lugar, o Autor não procura "melhorar" o texto em seus aspectos pouco simpáticos à nossa sensibilidade. Não defende os seus desacertos. Por exemplo, a imagem da mulher apresentada pelo Sirácida não pode nos deixar muito satisfeitos, à luz da reflexão mais recente, que procura resgatar as mulheres de séculos de conceitos humilhantes e lugares subalternos. Em várias ocasiões o nosso Autor mostra claramente a visão masculina (e antifeminina) do Sirácida. Destaca claramente que foi escrito "do ponto de vista de homem para homens, numa sociedade e cultura patriarcal" (p. 128s). Algo semelhante ele destaca, observando que na longa lista de "heróis", dos Capítulos 44 ao 50, não se inclui o nome de mulher alguma, sendo que houve mais de uma na história de Israel. "De fato – diz – é uma lista masculina, elaborada pelo inconsciente patriarcal e machista do nosso autor" (p. 214).

Em segundo lugar, é de se destacar a coragem e a integridade intelectual de N.B. Pereira ao apresentar aqueles outros pontos que soam impopulares em nosso meio. Comentando 3,30–4,10 diz: "O Sirácida não analisa as causas sociais da pobreza e não denuncia a injusta repartição dos bens. Também não atribui a pobreza à preguiça do pobre, ou a seus pecados – nesse caso, segundo uma teologia que considerasse a riqueza sempre uma bênção e a pobreza sempre um castigo de Deus. Pelo contrário, ele dá a entender – pelos motivos já citados acima – que Deus toma a defesa dos pobres, justamente recompensando todo aquele que alivie os seus sofrimentos" (p. 43). Claro que se encontram outros modos de ver no mesmo livro e nosso Autor não deixa de realçar que em outros textos (cf. 13,2-24) o Sirácida

apresenta a incompatibilidade entre os ricos e os pobres e retrata os primeiros num quadro "negativo, caricatural, mesmo condenatório" (p. 76). Ou como 30,1-11, onde se faz uma "crítica da riqueza... clara e enfática" (p. 148).

O terceiro elemento que desejamos destacar é que com justa razão N.B. Pereira aponta o canto 24,3-22 como o centro do livro e o seu ponto mais alto, na perspectiva teológica. É o elogio da sabedoria, reconhecida aqui como cósmica, toda bela e materna. Destaca-se também como pelo final (v. 22) o discurso de sabedoria se inclina para o legal convidando a "obedecer-lhe" e a "trabalhar com ela" (p. 124). Do mesmo modo que o livro se abrira com o canto sobre a origem da sabedoria, agora se introduz a segunda parte com esta exaltação das suas virtudes. Isto é mais que uma ordem literária necessária: constitui uma estrutura que guiará a leitura dos textos posteriores.

Queremos fazer duas perguntas que, assim pensamos, contribuirão para uma leitura mais precisa deste Comentário. A primeira diz respeito à compreensão do social, presente na obra. Sendo o Sirácida um texto que tende a uma leitura contemporizadora e moralista, parece-nos que a análise de N.B. Pereira, situada como se acha em nosso contexto, por alguns momentos se detém às portas de uma reflexão social mais audaciosa. Dá-nos a sensação de haver textos que poderiam ter sido explorados com maior rendimento semântico, caso tivessem sido lidos com a suspeita ideológica de que refletiam um ponto de vista mais crítico da sociedade da sua época do que o apresentado na sua literalidade. Talvez um uso mais intenso dos métodos sócio-analíticos houvesse contribuído para ampliar os conceitos que já estão presentes no Comentário. Mas devemos ser justos e recordar que o Autor põe a si mesmo esta pergunta no início do Comentário, quando escreve: "Esse equilíbrio (do Sirácida) peca pela falta de radicalidade? de definição? de opção?" (p. 26). O próprio N.B. Pereira responde indicando que uma leitura contextual vai mostrar que não é esta a tendência da obra. Mas depois, no Comentário, teria sido importante destacar os sinais que apontam nessa linha, que nem sempre estão à vista.

Uma segunda pergunta diz respeito à teologia do Sirácida. O Autor aponta que a primeira parte (cap. 1–42,14) da obra é uma coleção desordenada de temas. Depois vêm a parte hínica (cap. 42,15–50,21) e a conclusão (50,22–51,30). Quais são os fios condutores da obra? Que pensamentos privilegia e quais são os acentos temáticos? O Autor apresenta a análise pormenorizada das unidades individuais, mas notamos a falta de uma unificação desta enorme diversidade de idéias, a fim de encontrar pensamentos diretores que normalizem a leitura. Ao mesmo tempo, devemos dizer que isto não é uma carência própria deste Comentário, mas de muitos deles. E que o trabalho de Ney Pereira oferece abundante material para que o próprio leitor tire as suas conclusões a esse respeito. Mas, a nosso critério, uma indicação que ajudasse a ordenar os pensamentos teria sido bemvinda, levando em conta que o Sirácida é em si mesmo um texto difícil de ordenar para o leitor não especialista. Por exemplo, apresentar um fio condutor a respeito de temas como pobreza e riqueza, homem e mulher, trabalho e justiça, ética e política etc.

Finalmente, destaque-se a clara intenção do Autor de fazer um Comentário que seja útil para os fiéis cristãos que hoje trabalham para estender as fronteiras



do Reino. Ele não foge às discussões técnicas, mas privilegia a interpretação relevante para o nosso contexto.

Devemos agradecer a Ney Brasil Pereira que não diga tudo o que sabe em cada parágrafo e, assim, nos deixe o espaço para, com o auxílio deste Comentário, exercermos em cada comunidade leitora a tarefa ineludível de sermos re-criadores desta parte da Escritura.

*Pablo R. Andiñach*
Instituto Superior Evangélico de Estudios Teológicos
Buenos Aires, Rep. Argentina